

ATLAS HISTÓRICO DE CIDADES a cidade como objeto de investigação¹

A aplicação de novas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nas atividades de ensino e pesquisa em ciências sociais aplicadas, notabiliza-se por permitir acelerar e automatizar processos de recuperação, ordenação e representação de complexas e grandes quantidades de informação. Se por um lado possibilitam aos investigadores muito mais agilidade e tempo para pensar e analisar esta informação, por outro lado também influenciam o aparecimento de práticas investigativas extensivamente documentadas e distanciadas dos objetivos básicos que caracterizam esta área de estudo.

Encontramos assim práticas que se caracterizam pela utilização desmedida de informação, o uso descuidado das ferramentas gráficas e um repertório comparativo sem critério que causam um especial prejuízo quando a cidade é o objeto de investigação. O debate sobre a utilização das novas TIC deverá, entre outras coisas, procurar impedir que as verdadeiras razões e objetivos que impulsionam os estudos sobre a cidade na área passem a uma condição secundária.

Sobre três procedimentos de aproximação

Em algumas escolas se ensina que a melhor maneira de ler um texto é fazendo uma copia do texto; não uma fotocópia nem qualquer outro tipo automático de reprodução mas através da copia frase a frase, palavra por palavra, tentando seguir a pista do escritor inclusive nas pausas exigidas pela respiração. Copiar inclusive a pausa causada pela emoção da idéia... Este mesmo teria sido o entendimento daquele grupo de cartógrafos que, talvez pela sede de poder de um Império, pretenderam fazer um mapa perfeito do seu país. Muito mais impulsionados por esta grandeza e não pela vontade de entender melhor aquele território, estes cartógrafos empenharam-se em desenhar, ou melhor, copiar a forma deste território em escalas cada vez maiores: 1:10.000, 1:1000, 1:100 e 1:10, até que certo dia lograram aquilo que deveriam considerar a representação perfeita, ou seja, um mapa do território na escala 1:1.

"... Naquele império, a arte da cartografia atingiu uma tal perfeição que o mapa duma só provincia ocupava toda uma cidade, e o mapa do império, toda uma provincia. Com o tempo, esses mapas desmedidos já não satisfaziam e os colégios de cartógrafos levantaram um mapa do império que tinha o tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele. Menos apegadas ao estudo da cartografia, as gerações seguintes entenderam que esse extenso mapa era inútil e não sem impiedade o entregaram às inclemências do sol e dos invernos. Nos desertos do oeste subsistem despedaçadas ruínas do mapa, habitadas por animais e por mendigos. Em todo o país não resta outra reliquia das disciplinas geográficas." ²

Neste caso, tomando livremente a história que recolhe Borges de *Viagens de Varrões Prudentes* (MIRANDA, 1658), os Colégios de Cartógrafos do Império haviam copiado o território de forma obsessiva como se tratasse de um texto; parcelas, quadras, bairros, cidades eram como os equivalentes de letras, palavras, frases,

orações. Não sabemos das pausas para soltar a respiração contida, que evitariam imprecisões no desenho, nem aquelas derivadas de repentinos acessos emotivos, que poderiam desvirtuar o sentido real da representação. Mas é possível que, de não ser pelo declínio daquele Império, o passo seguinte teria sido seguir representando cada uma das transformações de qualquer detalhe daquele território até o ponto em que seria impossível diferenciar a importância entre a representação e a coisa representada.

Estes cartógrafos, ainda que acreditassem lograr uma aproximação cada vez maior, através da cópia cada vez mais perfeita da geometria do lugar, distanciavam, numa proporção inversa, a capacidade destes mapas para explicar o território do Império. Algo que atualmente poderíamos relacionar com uma figura de excesso característica daquilo que Marc Augé (1992) denomina sobremodernidade: a superabundância espacial nos enfrenta a uma quantidade imensurável de informações sobre o espaço ao mesmo tempo em que reduz enormemente suas distâncias através de sistemas de comunicação cada vez mais aperfeiçoados.

É oportuno lembrar aqui aquela geração de artistas que, especialmente no período considerado de experimentação nas décadas de 1960 a 1980, dedicava-se a fotocopiar através da eletrografia³ a tudo e todos que encontrassem por diante: fotografias, desenhos, pinturas, objetos pessoais, insetos, mobiliário e até partes do próprio corpo eram submetidos a uma espécie de ritual de captura de uma luz esverdeada que se deslocava zumbindo lentamente sob um vidro transparente.



1. Copy-art. Desde o ponto de vista da arte, logravam que pensássemos sobre este tênue limite entre aquilo que poderíamos considerar realidade - um objeto - e a representação desta realidade - uma fotocópia. Fotografia de Trans Art. Comissariado de Humberto Nilo. Universidad de Talca, Chile.

Ainda mais: não era raro ver exposições onde apareciam fotocópias de objetos que cobriam os próprios objetos numa sala recoberta por sua própria fotocópia. Estas montagens, que nos faziam perceber objetos a partir da relação destes objetos com as cópias de si mesmos, permitiam ver, apesar da proximidade extrema entre a representação e a coisa representada, a enorme distância entre uma coisa e outra.

E se ao invés de representação gráfica estivéssemos tratando da memória, aquela que graças aos processos seletivos do indivíduo são parcialmente esquecidas ou lembradas, sua cópia te-

ria seguramente a marca de Funes. Esta outra descoberta de Borges como aqueles cartógrafos também construía mapas mas não estava interessado em cobrir um Império e sim todo o universo de sua imaginação.

"Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro, não havia jamais duvidado, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro. [...] De fato, Funes não apenas recordava cada folha de cada árvore de cada monte, mas também cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado. [...] Não apenas lhe custava compreender que o símbolo genérico cão abarcava tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; perturbava-lhe que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente). [...] Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos." ⁴

Preso pela incapacidade de síntese e abstração, Funes tem para a história uma relação semelhante àquela que os cartógrafos representam para a geografia. Não só necessita do mesmo tempo da ocorrência real para realizar sua descrição, como os mapas que coincidem ponto a ponto com o que representam, como também retoma cada nova narração a partir de uma nova condição histórica. Tanto assim que lhe é impossível ver no cachorro que olha de pé o mesmo cachorro que olha sentado, incorporando a experiência de vida, assimilada entre um relato e outro, que lhe transforma e modifica a memória e o juízo que faz do cachorro. Encontrar uma versão que sintetize o significado deste cachorro é impossível porque o objeto deixa de sê-lo no momento mesmo em que ganha o sentido de novo objeto. Desde esta perspectiva, qualquer investigação histórica que queira construir um saber, deverá enfrentar-se a esta incapacidade de esquecimento ou a esta outra figura de excesso que conforma a modernidade que é a superabundância de acontecimentos do mundo contemporâneo. Qualquer resultado que queira ser representativo de algo mais que um relampejo da memória entrará no âmbito das cogitações e ficará sempre sob suspeita porque, desde o ponto de vista da modernidade, a dificuldade de pensar o tempo é cada vez maior e se deve essencialmente a uma superabundância de acontecimentos que dificultam a construção de um sentido para o passado recente (AUGÉ 1992).

A arte, como lhe é própria, vai por diante e graças a ela é possível entender, com mais facilidade, determinados fenômenos da realidade. Esta quantidade desmesurada de informação, presente nas duas imagens literárias ligadas por um lado à compreensão do território e por outro à construção de um objeto histórico, está fortemente presente no mundo contemporâneo e diz respeito particularmente àquelas disciplinas que pretendam estudar o meio e as socie-

relativas a índices de desenvolvimento humano de regiões metropolitanas onde alguns bairros são comparados com cidades e até com países. Esta comparação estatística de diferentes ordens territoriais além de não remeter a uma compreensão das desigualdades sociais insinua uma espécie de impermeabilidade entre os grupos que conformam a cidade e compromete seriamente a idéia de cidade que deveria prevalecer. Ora, não existe uma "Bélgica" incrustada no tecido urbano de uma cidade como Salvador ou qualquer outra por mais próximos que sejam os índices estatísticos, porque estamos tratando com realidades diferentes e escalas diferentes. Porque as condições em que cada parcela da cidade se desenvolve, enriquece ou empobrece, não são alheias àquelas outras parcelas que apresentam um nível inferior ou superior de organização. Quando a cidade deixa de ser o objeto os dados estatísticos passam a ser um fim em si mesmos nas pesquisas.

No outro extremo, mas trabalhando também a partir de dados rigorosos, podemos chegar a um tipo de síntese que não tem a força sedutora dos algarismos e das estatísticas mas a de um caráter subjetivo que preserva a essência de um pensamento científico bem apresentado. No exemplo deste fotograma de um filme soviético publicado na Revista AC ou Documentos de Actividad Contemporánea do Grupo de Arquitectos y Técnicos Catalanes para el Progreso de la Arquitectura Contemporánea - GATCPAC (figura 3), publicada durante a Segunda República Espanhola entre 1931 e 1937, uma simples imagem revela a referência paradigmática da nova arquitetura e do novo urbanismo: luz, calor, energia, vigor e saúde. Na aparente gratuidade da imagem, a luz direta dos raios solares e seus efeitos profiláticos e estéticos definem o novo ideal para a nova cidade do século XX. Enquanto que na aparente precisão e objetividade de um conjunto de dados estatísticos não reconhecemos mais que gratuita comparação de jornal sensacionalista.

Sobre o ofício de cientista

A prudência manda, portanto, rechaçar tanto a visão realista ingênua de um discurso científico como produto direto da realidade - lembremos dos cartógrafos do Império - assim como uma visão construtivista relativista onde o discurso científico alimenta-se de uma infinidade de visões do mundo, subdeterminadas pelo mundo e orientadas por interesses e estruturas próximas aquelas utilizadas por Funes. A alternativa, como aponta Pierre Bordieu (2001), seria um racionalismo realista onde o fundamental não



3. O espírito novo da nova arquitetura e do novo urbanismo.

estaria no seguimento de normas explícitas da lógica mas sim no "ofício", no sentido prático dos problemas. Nesta, a investigação seria uma prática consuetudinária, de costumes, cuja aprendizagem se realizaria mediante o exemplo e contra uma visão ingenuamente idealizada que coloca a "comunidade científica" no reino encantado da razão.

É possível, portanto, que muitas das equívocos que levam a esta perda de capacidade de síntese ou de sentido, especialmente no referente ao estudo de nossas cidades, possam ser evitadas com a utilização de processos de reconhecimento do lugar. O lugar enquanto experiência, espaço vivido, espaço afetado, projeção do espaço mental interior, onde a imagem, em geral, e a cartografia, em particular, são formas de aproximação e representação; uma proposta de geografia da memória que explora os estratos do espaço em busca de lugares. Descobrir os significados outorgados e construir novos significados. (Des)construir a cartografia ou construir sobre a cartografia geométrica uma cartografia do lugar.

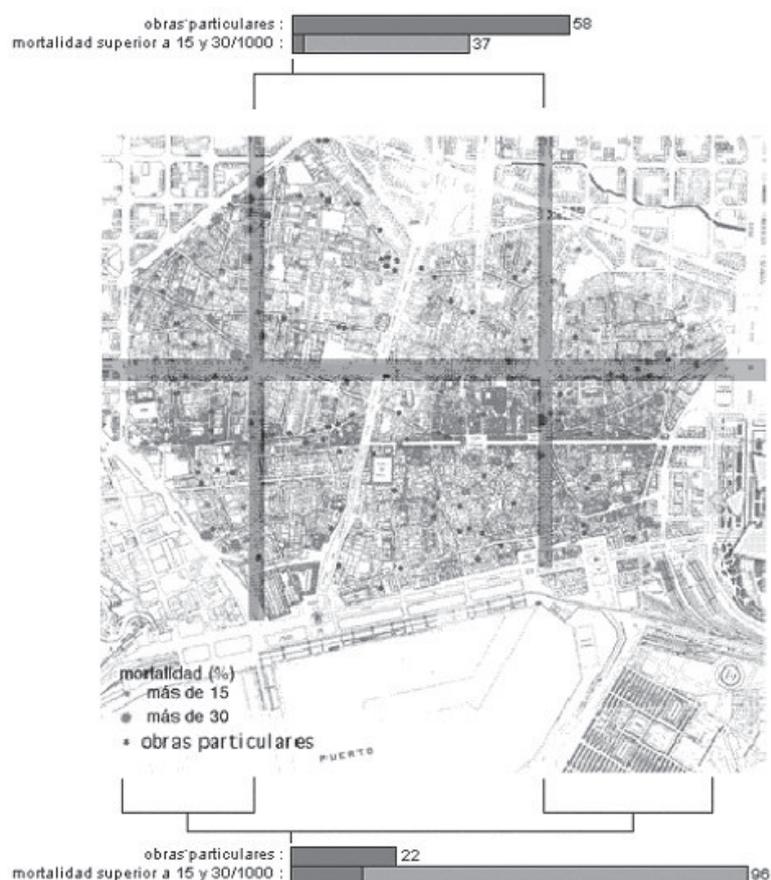
Em resumo, cada umas destas três formas de ver o mundo e exemplificadas anteriormente poderiam corresponder respectivamente aos três principais aspectos da condição de sobremodernidade que caracterizam a vida contemporânea e por conseguinte o trabalho do investigador: "superabundância espacial", "superabundância de acontecimentos" e individualização das referências (AUGÉ, 1992). Ou seja, o mapa dos Cartógrafos do Império que chega à escala 1:1, a memória de Funes ou sua incapacidade de síntese e finalmente uma série de comparações que denunciam certa incapacidade de ver um mundo que ainda não aprendemos a olhar.

Utilização dos recursos gráficos

A utilização de recursos gráficos de apoio a projetos de pesquisas na área das Ciências Sociais Aplicadas e mais especificamente para o estudo em História da Cidade e do Urbanismo, costuma ser relacionada de forma equivocada com a vinculação da imagem gráfica a uma forma simplificada e superficial de representação e não a de uma forma de construção do discurso. Em contraposição, a utilização intensiva do texto e das estatísticas está vinculada a um discurso carregado, denso e as vezes erudito. Esta percepção está fundamentada na idéia de que os elementos gráficos correspondem a meras ilustrações de um discurso pré-existente. Ou seja, uma forma de apresentação mais clara e agradável de conteúdos e não uma ferramenta de análise, interpretação e representação científica.

A utilização dos procedimentos gráficos para realização de sínteses temáticas, de caráter comparativo ou não, estão destinadas a identificar nas características espaciais das cidades, as resultantes dos processos qualitativos e quantitativos que

determinam e caracterizam sua evolução urbana. Existe portanto uma diferença clara entre a simples ilustração e a utilização de recursos gráficos como ferramenta de aproximação à cidade: é a utilização do processo gráfico e não a ilustração, o que caracteriza este tipo de recurso gráfico. Porque é no processo de síntese gráfica onde serão organizadas e verificadas as hipóteses da investigação. Procedimento que permite uma visão clara e objetiva das relações entre as categorias conceituais e estruturais que dão forma e sentido a cidade. O discurso pode ser construído fundamentalmente a partir do recurso gráfico ainda que, e em menor medida, o recurso gráfico pode ser utilizado como forma de sintetizar um discurso já existente. Neste último caso, o processo gráfico é utilizado para desmontar o discurso e reconstruí-lo a partir de uma outra perspectiva que, em alguns casos, pode permitir revelações não necessariamente abordadas originalmente pelo texto.



Barcelona em princípios da segunda metade do século XIX. Este mapa temático relaciona índice de mortalidade, obras particulares de saneamento e a proposta do engenheiro Ildefonso Cerdá para a abertura de três vias sobre o tecido urbano original. A sobreposição gráfica destas informações possibilitou analisar, com ajuda dos gráficos na parte inferior (síntese dos dados área interna) e superior (síntese dos dados das áreas externas), o impacto que desde o ponto de vista sanitário teriam as intervenções propostas pelo engenheiro catalão. Elaboração própria.⁶

Neste sentido entendemos o que aqui denominamos Atlas histórico de cidades. O Atlas, tal como entendemos, tem sua origem nas primeiras vistas de cidades do século XVI, quando estavam destinados a criar uma imagem do mundo acorde com um nascente mercantilismo de proporções nunca havidas. Reuniam mapas e imagens de cidades com o propósito de fomentar a ocupação de recém-descobertos *paraísos terrestres* ou divulgar as riquezas e o poderio de antigas cidades européias. Longe do simples caráter pitoresco, estas imagens serviam a um propósito claro e estavam construídas como discurso. O espírito enciclopédico e utilitarista do século XVIII marcará uma mudança qualitativa neste olhar e além de mapear de forma mais precisa a cidade, impulsionará o interesse pela dimensão menos visível; aspectos demográficos, médicos, sociais, culturais e econômicos do lugar que não apareciam claramente nas representações de cidades. Era necessário mostrar mais explicitamente aquilo que se escondia por detrás das fachadas: enfermidades, pobreza, violência e todas aquelas variáveis não necessariamente geométricas. A partir de então podemos considerar que se definiram os padrões deste olhar e que a disseminação a grande escala de equipamentos e aplicações informáticas, nos últimos 20 anos, aportaram somente uma maior capacidade de produzir e tratar informação. Para as Ciências Sociais Aplicadas estas ferramentas se fizeram especialmente importante nos últimos 10 anos. No Brasil os estudos de história da cidade e do urbanismo passou a apresentar uma grande quantidade e variedade de monografias que se destacaram, especialmente, por uma valorização da informação documental. Ordenação de séries iconográficas, realização de levantamentos fotogramétricos, digitalização de todo tipo de documentos gráficos, elaboração de infinitas de bases de dados, etc., apareceram como objetivos de projetos de investigação. Ou seja, que em relação aos conteúdos estávamos a caminho do relativismo de Funes e em relação a representação a caminho do realismo ingênuo dos cartógrafos do Império. Esta busca e organização de informação não é por si nefasta, mas não podemos considerar como um objetivo de pesquisa e sim como um instrumento a mais do processo de investigação. Devido um certo sobredimensionamento da importância destas ferramentas, a representação gráfica resultante de alguns destes trabalhos não sugeriam um juízo, uma tese, uma generalização, uma síntese ou enfim, um modelo. Encontramos, por exemplo, as infinitas séries de mapas temáticos apresentados como resultados de longos e laboriosos trabalhos de investigação para elaboração de planos diretores de cidades que lograram, ao contrário do que deveríamos esperar, distanciar nossa percepção da realidade histórico-social da cidade. Porque de um plano diretor é preciso antes de tudo que possamos ver o modelo proposto; um mapa de síntese que saliente os rasgos gerais que direcionam o plano e não 500 fragmentos deste

modelo em forma de 500 mapas. Qualquer professor de projeto de uma escola de arquitetura sabe que quando um aluno não tem um bom projeto o primeiro que faz é tentar passar diretamente a explicar detalhes sem explicar o partido e as soluções gerais. Utilizando os desenhos a grande escala que distanciam o olhar da lógica do conjunto ou um uso exagerado de informação gráfica, sem uma cuidadosa atenção nas diferentes escalas e níveis de interpretação, este indivíduo entorpece a leitura e esconde a ausência de conteúdo. Sem esquecer que, enquanto os processos não automatizados são cada vez mais desconsiderados, uma espécie de carisma tecnológico outorga a alguns trabalhos uma percepção generalizada de caráter e rigor científico nem sempre merecido pelo simples fato de ter sido "elaborado com computador".

As perspectivas sinalizam a que estes erros de percepção serão cada vez mais freqüentes. Em 2006 a quantidade em formato digital de informação produzida correspondia a três milhões de vezes à quantidade de informação contida em todos os livros produzidos até então⁷. Em 2010 a previsão é de que este número seja 18 milhões de vezes maior. Sintetizar e dar sentido a quantidades de informação próprias de um mundo sobremoderno, e não somente a capacidade de ordenação desta informação, é o verdadeiro desafio que nos enfrentamos como investigadores.

Enquanto, desde o ponto de vista das Tecnologias da Informação e Comunicação verificamos a necessidade de desenvolver técnicas mais sofisticadas para transportar, armazenar, proteger e replicar as informações que são geradas cada dia⁸, desde o ponto de vista da seletividade que interessa ao investigador significa que devemos desenvolver ferramentas e processos capazes de trabalhar estas informações sem perder de vista nossos propósitos específicos. Neste sentido, para os propósitos do Atlas Histórico de Cidades, faz-se necessária a capacidade de síntese por sobre a disponibilidade ilimitada de informação, seja histórica ou geográfica, sob o risco de não produzir nem história nem geografia. A este domínio devemos somar uma condição de utilidade, que permita mover este saber através de simetrias e comparações essencialmente úteis ao estudo das cidades. Finalmente, poder controlar a distância entre a experiência prática real e as explicações formais que resultam de uma postura hipócrita onde "o essencial é salvar as regras" (BOURDIER, 2001).

É possível que somente devamos admitir as vantagens do fazer menos para ter mais tempo sobre o que fazemos.⁹

Francisco de Assis da Costa é Doutor Arquiteto pela Universidad Politécnica de Cataluña e professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

Notas

- ¹ Este texto retoma um pequeno artigo publicado pelo autor na sessão Drops da revista eletrônica Vitruvius em março de 2005 e foi publicado na Espanha pela Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Catalunha.
- ² Suárez Miranda: *Viagens de Varões Prudentes*, livro quarto, cap. XIV, Lérida, 1658. Fragmento selecionado por Jorge Luis Borges, "Do Rigor na Ciência", in "História Universal da Infâmia", tradução Flávio José Cardozo, Porto Alegre, Globo, 1978.
- ³ Denominação aparecida em 1980 na revista B&T e devida ao crítico de arte francês Christian Rigal.
- ⁴ Borge Luis Borges: *Funes o memorioso*. Tradução de Marco Antonio Frangiotti. Vitruvius.
- ⁵ A utilização aqui, destacando a falta de capacidade para simplificar, sintetizar ou abstrair, é por suposto somente uma das muitas leituras possíveis que se pode extrair livremente destes personagens do universo literário de Jorge Luis Borges. Não há pretensão maior que aquela de incorporar, através destes exemplos, algumas referências fundamentais para o entendimento da proposta de aproximação ao estudo da cidade.
- ⁶ Elaboração própria a partir de: proposta de Ildelfonso Cerdá para reforma de Barcelona, datos sobre obras de saneamento recolhidos no Archivo Municipal de Barcelona e dados de mortalidade publicados em GUARDIA BASSOLS, Manuel. MONCLUS, Francisco Javier. OYON, José-Luis. (Dir.) *Atlas histórico de ciudades europeas*. Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona / Salvat Editores. Barcelona, 1994. pg. 75.
- ⁷ Segundo um informe produzido pela consultora IDC para EMC Corporation titulado 'The Expanding Digital Universe: A Forecast of Worldwide Information Growth Through 2010'. EMC é uma empresa dedicada ao desenvolvimento e instalação de tecnologias para infra-estruturas de informação. EMC News Release. Acesso em 12/03/2007 http://www.emc.com/news/emc_releases/showRelease.jsp?id=4932&l=en&c=US
- ⁸ John Gantz, Chief Research Officer and Senior Vice President, IDC.
- ⁹ Piero Sacchetto. II Encontre Professional la Pedrera. Patrimoni, creació i educació. Barcelona, março de 2007.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. Los no lugares. Espacios Del anonimato. Gedisa Editorial, Barcelona, 1994.
- BÉGUIN, Michèle e Pumain, Denise. La représentation des données géographiques. Statistique et cartographie. Armand Colin. Paris, 1994.
- BESSION, Jean-Louis. La cité des chiffres ou l' Illusion des statistiques. Éditions Autrement. Paris, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. La historia y las ciencias sociales. Alianza Editorial. Madrid, 1968.
- BRUNET, R. La carte, mode d'emploi. Fayard-RECLUS. Paris, 1987.
- BILLEN, Claire et DUVOSQUEL, Jean-Marie (Dir). L'Esprit des villes d'Europe. Bruxelles. Fonds Mercator. Bruxelles, 1999-2000
- BORDIEU, Pierre. *El oficio de científico. Ciencia de la ciencia y reflexividad*. Anagrama, Barcelona, 2003.
- BUSSIÈRE, Eric (Dir). L'Esprit des villes d'Europe. Le Grand Lille. Fonds Mercator. Bruxelles, 1999-2000.
- CAPEL, Horacio. Geografía Humana y Ciencias Sociales. - una perspectiva histórica. Ed. Montesinos. Barcelona, 1987.
- CERTEAU, Michel de. La invención de lo cotidiano. México: Universidad Iberoamericana, 1999.
- CORBOZ, André. La ciudad desbordada. In: ESPUCHE, García (ORG). Ciudades del globo al satélite. Electa / CCCB. Barcelona, 1994.
- COSTA, Francisco. La Regolazione delle acque luride: Barcelona, 1849-1917. Storia Urbana, n. 112. Franco Angeli Edizioni. Milão, 2006.
- COSTA, Francisco (ORG) y Garcia Espuche, A. Ciudad: visiones, debate, sostenibilidad.. Barcelona : Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1999. <http://www.cccb.org>
- COSTA, Francisco (ORG) y Guardia Bassols, M. (ORG). Ciudad: Atlas histórico digital de Madrid y Barcelona. Barcelona : Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1999. <http://www.cccb.org>
- COSTA, Francisco. et al. Guimerá. Série Monuments i Conjunts. Edicions UPC. Barcelona, 1989.
- DETHIER, Jean e GUIHEUX, Alain. (DIR). Visiones Urbanas. Europa, 1870-1993. Electa / CCCB. Barcelona, 1994.

- ECO, Umberto. A estrutura ausente. Editora Perspectiva. São Paulo, 1971.
- ESPUCHE, Garcia (ORG). Ciudades del globo al satélite. Electa/CCCB. Barcelona, 1994.
- GUARDIA BASSOLS, M, OYÓN, J-L, MONCLUS, F-J. (Dir). Atlas histórico de ciudades europeas. Peninsula Ibérica. CCCB/Salvat Editora. Barcelona, 1994
- GUARDIA BASSOLS, M, OYÓN, J-L, MONCLUS, F-J. La Historia Urbana (número monográfico de la revista AYER. Capítulo: Los atlas de ciudades entre la descripción y la comparación. Marcial Pons Editor, Madrid, 1996.
- KERR, Donald e HOLDSWORTH, Deryck W Historical atlas of Canada. Addressing the twentieth Century. University of Toronto Press. Toronto, 1990.
- LEME, Maria Cristina de Silva (org.) Urbanismo no Brasil 1895-1965. Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM São Paulo, 1999.
- MONCLUS, F-J., OYÓN, J. L. La aproximación espacial en la historia urbana. in: Piñon, Juan Luis. Reflexiones sobre la comparación y la generalización en historia urbana. in: Historia urbana, nº 2. Universidad Politécnica de Valencia. Valencia, 1993.
- PINOL, Jean-Luc (Dir). Atlas des villes de France. CCCB/Hachette. Paris, 1996.
- ROCA ROSELL, F. (Ed). *AC. Documentos de Actividad Contemporánea*. Publicación del GATEPAC. Barcelona. Madrid. San Sebastián. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1975 (1931-37).
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Representações: da cidade-capital à metrópole. In: ESPUCHE, Garcia (ORG). Ciudades del globo al satélite. Electa/CCCB. Barcelona, 1994.